

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Hoje em Dia Class.: maxacalis 125  
Data: 25.05.93 Pg.: \_\_\_\_\_

# Saúde confirma 3 casos de cólera entre maxacalis

A superintendente adjunta de Epidemiologia da Secretaria de Estado da Saúde, Gilvânia Westin Cosenza, confirmou ontem cinco casos de cólera entre os índios maxacalis, sendo três com óbitos e duas de pessoas internadas no hospital de Águas Formosas. Além destes, 16 outros índios maxacalis podem estar contaminados. Eles apresentam quadro clínico e epidemiológico compatível com os da cólera. Ao todo estão internados quatro maxacalis e o restante está sendo tratado no próprio Posto Indígena de Pradinho, município de Bertópolis, Vale do Mucuri.

Com estes somam 22 os casos confirmados de cólera em Minas e sete óbitos. A superintendente e o assessor de planejamento e coordenador do projeto para saúde dos índios de Minas, Francisco de Campos, vão hoje para a aldeia. A situação é considerada preocupante, principalmente pelas dificuldades culturais dos índios em aceitar o tratamento e se adequarem às medidas para evitar a contaminação.

Os maxacalis estão na área considerada de risco pela Secretaria de Saúde e esse risco é aumentado pelo hábito dos índios de perambularem por toda região,

incluindo o Sul da Bahia, onde a cólera está endêmica. Os técnicos acreditam que o vibrião foi importado por um grupo de índios que viajou para as cidades de Medeiros Neto e Teixeira de Freitas, ambas na Bahia. Dentre os índios que estiveram nessas cidades, está a índia Jovita Maxacali, uma das três mortes pela cólera.

Segundo Francisco de Campos, os técnicos estão tendo dificuldades em convencer os índios a usarem apenas a água colhida em fonte e que está sendo tratada. A atitude dos índios de queimarem as casas onde moravam as pessoas que morreram contribuiu para disseminar o vibrião, porque as famílias são obrigadas a irem para outras aldeias. Os cerca de 700 índios maxacalis estão divididos em duas áreas: Pradinho e Agua Boa, sendo que em cada uma tem várias aldeias.

Médicos e enfermeiros da Funai e da Fundação Nacional de Saúde estão no local, além dos da Secretaria de Estado de Saúde. Foram colocadas mechas para coleta e monitoramento das águas dos vários córregos que cortam as aldeias, incluindo o Umburana.



Os índios moram em casas de sapé, numa aldeia sem infra-estrutura

## Desnutrição e falta de saneamento

Desnutridos, com várias outras doenças, como verminose, e com condições de saneamento básico péssimas. Essa é a situação dos índios maxacalis. Há 15 dias, o chefe regional da Funai, Lúcio Flávio, pediu ajuda ao secretário de Estado da Agricultura, Alysson Paulinelli, já que os índios vivem uma situação de fome com a perda de suas roças. Com isso, aumentam ainda mais as chances de mortes pela cólera que abateu-se sobre a comunidade indígena.

Além disso, os índios têm na piscicultura sua grande fonte de proteína e a contaminação dos peixes é considerada bastante provável pela superintendente Epidemiológica, Gilvânia Cosen-

za. A Secretaria de Estado da Saúde fez, junto com técnicos da Fundação Nacional de Saúde, um projeto de estudo técnico de engenharia sanitária para saneamento das áreas indígenas em Minas, mas até agora não obtiveram aprovação do projeto pelo Ministério da Saúde.

Os índios xacriabás, pataxós e krenaks também correm o risco de contaminação pela cólera. A Funai apresentou também à Secretaria da Agricultura projeto para atividade agrícola e de piscicultura para os maxacalis. Ontem, a Coordenadoria de Defesa Civil (Cedec) autorizou o envio de 150 cobertores e 150 cestas básicas para os índios.

## Dezesseis estão com os sintomas

TEÓFILO OTONI — Os primeiros exames feitos nas fezes do índio Manoel Maxacali e da filha dele, a menina Adriana Maxacali — internados no hospital de Águas Formosas —, confirmaram que ambos adoeceram por uma bactéria tipo vibrião. O material foi encaminhado ontem de manhã para a Fundação Ezequiel Dias (Funed) para classificar o vibrião colérico. Apesar disto a Secretaria de Estado de Saúde já reconheceu a doença entre os índios pelos quadros clínico e epidemiológico.

O diretor do Centro Regional de Saúde de Teófilo Otoni, José Roberto Correia, esteve no último domingo na área afetada, quando contabilizaram 16 pessoas com diarreia e vômito. Apesar da mecha colocada no Córrego do Pradinho só chegar hoje a Teófilo Otoni para análise, Correia diz que são grandes as chances do córrego estar contaminado.

O Pradinho deságua no Córrego Uburaninha, que por sua vez cai no Rio Uburana e este abastece toda as redondezas do município de Bertópolis. Este quadro faz Correia acreditar que será difícil controlar a cólera no Norte de Minas. Até então a região registrou casos isolados e as cidades mais afetadas foram Pe-

dra Azul e Almenara.

Para agravar a situação os índios de outra região estão indo visitar os maxacalis por causa da doença que atingiu a aldeia. O gesto de solidariedade só preocupa o diretor do Centro Regional de Saúde, pois espalha a doença, uma vez que os índios não tomam os cuidados com a higiene para evitar a contaminação. Outra dificuldade é a péssima condição da rodovia que dá acesso à aldeia. São quase 200 quilômetros de estrada de terra, cujo trânsito fica impossível quando chove.

Correia contou que no domingo técnicos do centro gastaram cerca de nove horas para chegarem a Teófilo Otoni, quando o percurso poderia ser feito em menos da metade deste tempo. Ontem, uma equipe com um médico, um bioquímico e um enfermeiro foi para a Aldeia do Pradinho. A Unidade de Saúde, cuja construção está em conclusão, foi inaugurada para abrigar os índios doentes. Os índios estão recusando a aplicação do soro e de outros medicamentos. Correia explica que a Funai terá que administrar mais este problema, porque os índios não acreditam em remédios.